

A ASSOCIAÇÃO ROMI E A LUTA DAS MULHERES CIGANAS DE GRANADA NA EDUCAÇÃO

Dolores Fernández Fernández

Resumo Até há pouco tempo, as mulheres ciganas movimentavam-se num mundo do silêncio e do anonimato, embora sabendo que são elementos fundamentais para a transmissão dos valores, adaptando-os à actualidade, para seguir mantendo viva a cultura cigana e torná-la mais progressista. As raparigas ciganas, desde muito pequenas, aprendem e assumem de forma natural qual é o seu papel na vida e quais são as funções que devem desempenhar quando crescerem. A nossa principal preocupação situa-se na ideia de que, hoje, as raparigas se confrontam com problemas a nível educativo, formativo, laboral e sanitário para os quais nem sempre há respostas. A Associação ROMI tem um conjunto de propostas e de actividades, de que daremos conta nesta intervenção

Palavras-chave Povo cigano, cultura, mulheres, educação.

O Povo cigano é um povo sem fronteiras, que está em todos os países da Europa, em Espanha, Portugal, Inglaterra, e também na América. É um povo ainda desconhecido. Muitas pessoas têm investigado sobre a história e sobre a cultura deste povo. Têm também feito investigações sobre a sua origem. A última investigação, antes de 1920, questiona de onde terão vindo os ciganos, porque nela se dá conta de que é um povo com pele escura, que fala uma língua que se chama Romanó e que tem uma cultura diferente.

Os investigadores verificaram que tínhamos uma cultura oral, tratava-se de uma cultura ágrafa, e que tudo se transmitia pela palavra, pois o mais importante para nós é a palavra e a palavra entre ciganos basta. Então os investigadores não sabiam qual a origem dos ciganos, de tal forma que só com o estudo sobre a língua, o Romanó, puderam descobrir que são originários da Índia e do Paquistão. Actualmente, há tribos na Índia onde se fala o Romanó e pôde comprovar-se que saímos da Índia no ano 1000, mais ou menos, tendo-se espalhado por todos os países.

Esta abordagem resumida sobre a história não tem o objectivo de falar sobre ela, mas apenas porque esta constitui um dado inegável, que não podemos ignorar.

A história do povo cigano não é uma história alegre e divertida, uma vez que se trata da história de um povo que foi muito perseguido. No sec. XV, havia leis em Espanha e Portugal de perseguição às minorias. Eram perseguidos os Árabes, os Judeus e os Ciganos. O povo cigano sofreu muito, mas conseguiu manter as suas tradições e cultura graças à mulher cigana, porque era ela que transmitia estes valores às crianças e porque quando os homens ciganos eram perseguidos, a mulher

pegava nos seus filhos, na família, e seguia em frente trabalhando e lutando para que a sua cultura, a sua língua, a sua identidade não se perdessem. Por isso, todos os ciganos sabem o quanto é importante o papel que a mulher desempenha na sua cultura.

Também é verdade que nós mulheres assumimos essa responsabilidade e formamos gente, procurando que não se perca essa cultura e tradição.

Desde muito pequenas, ensinam-nos como temos que desempenhar esta função. Educam-nos para sabermos quais são as armas com as quais havemos de educar nossos filhos. Isto é muito importante para a mulher cigana. No entanto, eu não sou partidária deste tipo de educação e entendo que deve ser mudada, porque sou feminista.

A mulher cigana, quando casa, atinge um estatuto mais importante. Converte-se numa mãe, numa mulher feita e passa a ser mais respeitada porque cria uma família e a família é um dos valores mais importantes para o colectivo cigano. Daí que a mulher seja também educada para criar os filhos, para os educar e para casar-se.

No entanto, esta situação hoje já começa a mudar. As meninas confrontam-se com problemas a nível educativo, formativo, laboral e sanitário. São retiradas muito cedo da escola. Quando solteiras, têm que cuidar dos seus irmãos mais novos e ajudar os seus pais. Quando casadas, têm de cuidar dos seus maridos e de seus filhos. É uma vida de obediência e submissão encarada com muita honra e dignidade.

As carências económicas também motivam a sua saída. Por estes motivos, é difícil a integração na sociedade actual, mas também o é porque se confrontam com vários problemas. O facto de não acabar a escolaridade é um deles — e não termina por motivos de dentro e fora da nossa cultura.

Dentro, porque as dificuldades económicas obrigam a ajudar os seus pais e a tratar dos seus irmãos e porque os seus pais não valorizam a importância da escola, uma vez que são analfabetos e não conseguem transmitir ensinamentos escolares. Por isso, para eles, não se torna importante que as suas filhas aprendam na escola: mais importante é o que se aprende na comunidade.

Por outro lado, têm medo que as suas filhas se envolvam com meninos não ciganos, portanto, de uma cultura diferente. Daí que, por volta dos 12/13 anos, altura em que surge a menstruação, as retirem da escola e elas passem a viver a escola de outra forma.

Mas também é verdade que a escola não está adaptada à cultura cigana, não conhece a cultura cigana, não tem textos, não tem livros que possam dar a conhecer, tanto aos meninos não ciganos como aos meninos ciganos, a sua história, a sua cultura, que os façam sentir-se orgulhosos.

O facto é que existe um racismo oculto que não se vê, mas é sentido pelos meninos ciganos, o que contribui para a abstenção e/ou insucesso escolar, resultando depois que as meninas não possam incorporar-se no mercado de trabalho por falta de formação escolar. Um outro facto reside na pouca importância que as famílias ciganas dão à saúde, o que origina vários problemas de ordem sanitária, com reflexo importante no período de gravidez.

Esta situação levou a que um grupo de mulheres na década 80/90, umas com formação universitária, outras com formações diferentes, se reunissem e formassem uma associação, a Associação de Mulheres Ciganas Romi, para lutar pelos direitos das mulheres. Há outras associações de mulheres, mas que incluem homens — e nesta situação, os homens lutam, mas é pelos seus direitos e não pelo direito das mulheres.

Daí termos pensado como importante que a luta das mulheres passa pelas próprias mulheres, para conseguir a igualdade. Juntamo-nos um grupo de dez mulheres e levamos por diante esta ideia, esta luta contra a desigualdade, a exclusão, a submissão a que estava sujeita a mulher cigana.

No entanto, entendíamos que esta mudança tinha que ser efectuada sem perdermos as nossas tradições, sem perdermos a nossa identidade cigana, o que tornava uma luta complicada. Começamos com medo, mas seguras do que queríamos e fomos de povoação em povoação, dizendo o que queríamos e quais as nossas propostas e a nossa maior surpresa foi verificar que as mulheres mais velhas eram quem mais nos apoiavam, porque diziam que não queriam que as mais novas tivessem uma vida tão sacrificada como a que elas tiveram.

Uma das acções que a Associação desenvolveu foi preparar as jovens para fazerem o exame da escola primária, para poderem obter um título que lhes permitisse entrar no mercado de trabalho. Algumas com este título foram fazer cursos de formação profissional e, tendo o título da primária mais o da formação profissional, ficaram com competências que não tinham, o que lhes dava mais perspectivas de futuro.

Outra iniciativa prendeu-se com o conseguirmos uma espécie de bolsa de estudo, através do ministério da educação para as meninas que terminam o secundário e querem seguir para a Universidade, mas não o podem fazer porque os seus pais não têm condições económicas para que continuem a estudar. Fruto desta acção, temos hoje em Espanha cerca de 400 rapazes e raparigas ciganas a estudar na universidade.

São no entanto as meninas que mais abandonam a Universidade. A menina é confrontada na comunidade com o facto de poder vir a casar com um homem que não seja tão culto como ela, e essa diferença cultural não é ainda aceite. Quando as jovens ciganas mais cultas falam com jovens ciganos menos preparados, estes acabam por fazer figura infantil.

Temos vindo pois a consciencializar as jovens do quanto é importante a sua valorização escolar, tendo sempre presente que esta valorização não pode pôr em causa os valores culturais e tradicionais que tanto valorizamos na nossa comunidade.

É também verdade que as mulheres ciganas já não se sentem tão sós, devido ao movimento feminista cigano, que já tem alguns anos em Espanha. Uma vez que está a ser agora impulsionada em Portugal a Associação de Mulheres Ciganas, quero dizer-lhes que não estarão sós, pois tudo faremos para as ajudar na sua luta e afirmação que, afinal, é uma luta de todas nós mulheres ciganas.

No aspecto político, sabemos que será difícil, senão impossível, termos uma participação activa dada as nossas especificidades culturais, o que se constitui

como uma vantagem, se bem que ainda pequena para as mulheres não-ciganas. Contudo, e como já referi, as mulheres ciganas têm que mudar e essa mudança terá que iniciar-se no campo educativo, valorizando a escolarização e tornando-se universitária. Estou convicta que, num futuro próximo, teremos o apoio da comunidade cigana e não-cigana nesta nossa luta.

[Tradução de Vítor Marques e Sofia Marques da Silva]

María Dolores Fernández Fernández, natural de Tiena (Granada, Espanha), tem o curso de professora de EGB e é pioneira no movimento feminista cigano, criando a primeira Associação de Mulheres Ciganas do país. Actualmente trabalha como professora no Centro de Educação de Adultos de Almanjayar. É presidente da Associação de Mulheres Ciganas Romi. Desde a criação desta associação, promove um programa de intervenção social, consciencializando as mulheres da importância da educação para as suas filhas e para si mesmas.